

# Um

---

*E ninguém é eu.  
Ninguém é você.  
Esta é a solidão.*

Clarice Lispector



Era uma tarde de calor insuportável, e o ar-condicionado da redação tinha quebrado pela manhã. O suor me brotava das têmporas e descia pelo rosto, empapando o colarinho. E minha concentração não estava das melhores. À frente, a exigente tela de computador pedia pelo menos mais mil caracteres sobre uma bobagem qualquer estipulada pelo editor-chefe (de quem não vou falar mal, por educação e princípios).

Havia muito tempo as matérias da revista tinham perdido o lado lúdico e divertido para mim. No começo, ríamos muito na criação de regrinhas infalíveis para manter casamentos, incendiar relações amorosas ou o que fosse. Mas agora até essa lembrança só me deixava na boca o amargo de nunca termos respeitado as pobres leitoras, que, comprando a revista, pagavam as contas de nossos apartamentos e alguns luxos em geral mal escolhidos.

Naquele dia, eu tentava cumprir a função a mim incumbida ativando o mais mecânico dos pensamentos mecânicos, esperando apenas me livrar de mais uma entre muitas tarefas chatas. E assim seguia aos trancos, repetindo-me infinitamente, embora a repetição seja algo muito apreciado entre apreciadores de qualquer literatura, talvez por comprovar um saber antigo e assim transmitir uma idéia remota de segurança. Não sei.

Mas eu me repetia sabendo que me repetia, e me repetia porque naquele momento não saberia fazer de outra forma. Então me sentia frustrado. E, quando Luíza surgiu no vão de entrada da baía com meio sorriso no rosto e a notícia de que o candidato a estagiá-

rio estava aguardando, eu quis, entre muitas outras coisas, esmurrar a mesa e soltar um grito que desse conta daquela espécie de raiva difusa que vinha ruminando, um grito gutural de “Foda-se o candidato a estagiário” ou qualquer coisa assim brutal e explosiva, mas segurei a onda – não somos pagos para outra coisa –, respirei fundo e disse:

– Certo.

Carlos estava de férias, e eu havia assumido um cargo superior provisório, ligeiramente pior do que o meu: o dele. Portanto, precisava arcar com algumas responsabilidades para as quais não me sentia muito disposto – eu, que, se pudesse, não assumiria meu apartamento, meu carro, minhas plantas ou qualquer uma dessas coisas que vêm precedidas pela primeira pessoa do pronome possessivo. Mas sei que a vida tem uma mania terrível de nos impor situações com as quais não concordamos. E agora eu precisava entrevistar o candidato ao cargo de estagiário, muito embora a isso preferisse até ficar derramando clichês no artigo que escrevia.

Revisei o que estava feito, salvei o texto e pedi a Luíza, na baia ao lado, que me trouxesse o rapaz. Peguei o currículo disposto no alto da pilha de currículos e corri os olhos pelas páginas: um currículo de aspirante a estagiário. Vazio e emblemático.

Então ouvi duas batidas, e Luíza disse:

– Este é o Bruno, Pedro.

E dois sorridentes olhos castanhos caíram sobre mim.

E por um instante pensei que se abriria um buraco na minha frente, um terrível precipício onde eu afundaria interminavelmente, embora havia muito tempo eu andasse desacreditado de precipícios dessa ordem e grandeza.

E, estendendo a mão, disse:

– Olá, Bruno. Sente-se.

E vi Bruno se sentar, entre a calma e certa apreensão por se encontrar ali.

Aquilo era novo para mim. Quer dizer, aquilo era duplamente novo para mim. Porque eu nunca tinha entrevistado ninguém para cargo nenhum e, não fosse a emergência do caso, assim continuaria sendo. E porque sentir formação de precipícios depois de ver olhos casta-

nhos sorridentes pertencia a uma época paleolítica de minha vida, a qual eu só assumia como minha por impossibilidade de atribuí-la a outrem e da qual eu só me lembrava com riso solto ou duramente abafado.

Mas ali estava eu, tateando com a ponta dos pés o início do despenhadeiro. Pensando em palavras barrocas como “arroubo”, “estupor” e “encantamento”. Maquinando, como maquinam os adolescentes, a edificação de uma história perfeita imaginada. Antecipando o improvável. Deixando-me carregar para esse terreno impalpável habitado por mocinhas desejosas: um mundo de fantasia onde se sonham absurdos e tolices incompatíveis com a vida real.

Era obsceno. Uma safadeza, quase.

Eu, 39 anos, ex-combatente de muitas guerras perdidas, jornalista experiente, cínico contumaz, colecionador de historietas, um Grande Amor deixado para trás, muitas aventuras impronunciáveis, viajado, calejado, gasto, uma vez náufrago, agora agarrado à desilusão como a um porto seguro supremo. Eu, encantado a ponto de sentir a formação de despenhadeiros por um menino de 22 anos, candidato a estagiário, com sorridentes olhos castanhos. Lamentável.

Aproveitando o tempo em que eu não me decidia quanto ao que fazer, Bruno me informou que era um grande admirador e que seria uma honra trabalhar comigo. Disse que havia lido meu livro (recuso-me a falar dele, sequer mencionar o título) e tinha até me pedido um autógrafo na noite de lançamento.

Os sorridentes olhos castanhos me fitavam com verdadeira admiração. E me vi entre o fascínio de aceitar aquilo e a ordenação imperiosa de desconsiderar qualquer elogio e retirar os véus de encanto que poderiam revestir aquela realidade banal a ponto da sordez: meu livro único havia sido enterrado em meio a uma infinidade de artigos idiotas e conselhos frívolos, destinados a leitoras descerebradas de uma revista de boas vendas, num país que consome lixo.

Meu livro único, uma merda. Romance choroso que passou despercebido pelo mercado editorial e hoje descansa na prateleira superior de minha estante, espremido entre muitos outros volumes. E que dali de cima jamais saiu e certamente jamais sairá, haja vista o horror de me pegar folheando bobagens e mais bobagens assinadas

por mim, um atestado voluntário de estupidez. Ah, a vaidade que nos obriga a cometer grossas asneiras e depois passar a vida a lamentá-las.

Eu era um jornalista experiente. De merda. Tinha abandonado um cargo bacana no mais bacana jornal da cidade para Viajar Para o Exterior. (Essa expressão incluía para mim tantas promessas, que agarrei a primeira oportunidade de levá-la a cabo.) E voltei com vontade de menos para o que era mais importante. Então recebi o convite irrecusável de trabalhar na revista e aceitei. E me acomodei, eu acho. É fácil se acomodar com o que não é pavoroso, quando temos nossa vidinha (diminutivo proposital) levada sem sobressaltos, numa semi-segurança que compreende a realização de pequenos prazeres.

Eu era feliz. Para mim, isso é o mesmo que dizer: eu era um lobisomem. São coisas que não existem, inventadas para nos meter medo ou alimentar esperanças, ou ambos.

Naquele momento, entretanto, sob o olhar sorridente de Bruno, pareceu-me fácil esquecer todos esses fatos e aceitar a admiração dele, mantendo os véus do fascínio. Quem sabe, talvez, eu fosse interessante, palavra usada POR ELE para descrever o que almejava ser na vida: alguém interessante. E o detalhe de que ele tenha usado essa palavra me olhando nos olhos, como se pretendesse deixar subentendido que “interessante” era algo que eu era e ele gostaria de ser, esse detalhe me fez, por um momento, acreditar.

Por que não, se tudo são perspectivas? E daí que estivéssemos na redação de uma revista feminina de QI médio que beirava o acinte, num calor infernal, porque o ar-condicionado havia enguiçado pela manhã e até agora, nessa empresa de Terceiro Mundo, que, por acaso, tinha rendas de Primeiro Mundo, não fora consertado, sabe-se lá por quê? E daí que eu viesse quebrando a cabeça para escrever pela milionésima vez o mesmo artigo sem ao menos poder alegar que sonhava com algo mais digno ou chorava alguma injustiça passada? Eu, que tinha encontrado paz nesse espaço aconchegante do não-sonhar.

Bruno era inteligente. Conversava sobre literatura e cinema. Falava inglês e “arranhava” francês. Ainda tinha ídolos (o que me deu frio na espinha, por já não lembrar o que era isso). Seus textos mos-

travam que escrevia bem: concisão, organização e vocabulário amplo. Embora discreto, talvez pela ocasião, exalava bom gosto na indumentária e traía sua sexualidade em um ou outro gesto mais lânguido. Talvez fosse de fato um pouco feminino, embora aquele jeito doce mais me parecesse próprio de criança. Era uma criança.

O que me tornava, por conseguinte, um velho safado.

Porque eu o desejava. Queria arrancar suas roupas. Queria deitá-lo sobre a mesa abarrotada de pastas e papéis inúteis e importantíssimos, beijar sua boca e mostrar que o escritor quase quarentão também tinha libido, sexo e uma ou duas idéias sacanas na cabeça. Que além de ser interessante, eu tinha também um corpo que talvez lhe interessasse.

Bruno tinha talento, beleza, juventude, encanto, todo o meu coração e agora um cargo fodido de estagiário na empresa. Fui quase sádico em aceitá-lo, porque o garoto merecia emprego melhor, mas fui sobretudo egoísta, porque a partir daquele dia eu não conseguiria chegar a uma redação que não tivesse entre os membros de sua equipe Bruno. E, ademais, o menino estava ali por livre e espontânea vontade. Tinha o cargo por ambição, e negar-lhe o que fosse também me parecia sacrilégio.

Quando ele se despediu com um “Até amanhã” seguro e otimista, Luíza me encarou do vão de entrada da baia durante o que deve ter sido muito tempo. E disse:

– Não vá se apaixonar.

Mas então já era tarde.